

# ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA FOME E CONSTRUÇÕES DE GÊNERO: O cotidiano das quebradeiras de coco babaçu da região dos cocais- MA

ERIKA FELIPE DE ALBUQUERQUE

MARTINA AHLERT

TATIANE DOS SANTOS DUARTE

MARINEIDE BEZERRA FERREIRA

JOANA ETIENE LIMA E SILVA

ANDERSON PEREIRA BEZERRA

ATALICIO GOMES DE SOUSA MOREIRA

ELIANA SILVA TELES

EMANUELLY KAROLINE DE SOUZA

KHETY ELANE HOLANDA DE OLIVEIRA

# 6

## GÊNERO E POPULAÇÕES ESPECÍFICAS

# ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA FOME E CONSTRUÇÕES DE GÊNERO:

## O cotidiano das quebraadeiras de coco babaçu da região dos cocais- MA

ERIKA FELIPE DE ALBUQUERQUE - PROFESSORA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO – IFMA/CAMPUS CODÓ. MESTRE E BACHAREL EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ E COORDENADORA NO ÂMBITO DA PESQUISA PROPOSTA AO MDS PELO EDITAL 36/2010. EMAIL: ERIKA\_ALBUQUERQUE@IFMA.EDU.BR TEL.: (99)3669-3000.

MARTINA AHLERT - DOUTORANDA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). GRADUADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, MESTRE EM ANTROPOLOGIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. FOI PESQUISADORA COLABORADORA NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

TATIANE DOS SANTOS DUARTE - GRADUADA EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, MESTRE EM ANTROPOLOGIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. FOI PESQUISADORA BOLSISTA DTI B NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

MARINEIDE BEZERRA FERREIRA - GRADUADA EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA PELO INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS DO VALE DO ACARAÚ E GRADUADA EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. ESPECIALISTA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA PELA FACULDADE ATENEU.FOI PESQUISADORA BOLSISTA DTI C NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

JOANA ETIENE LIMA E SILVA - GRADUADA EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, ESPECIALISTA EM METODOLOGIAS INOVADORAS APLICADA À EDUCAÇÃO PELO INSTITUTO SUPERIOR FRANCISCANO. FOI PESQUISADORA BOLSISTA DTI C NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

ANDERSON PEREIRA BEZERRA - GRADUANDO EM LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO/IFMA - CAMPUS CODÓ. FOI PESQUISADOR BOLSISTA ITI A/CNPQ NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

ATALICIO GOMES DE SOUSA MOREIRA - FORMADO EM MAGISTÉRIO PELO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA/PRONERA. GRADUANDO EM LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO/ IFMA - CAMPUS CODÓ. FOI PESQUISADOR BOLSISTA ITI A NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

ELIANA SILVA TELES - GRADUANDA EM LICENCIATURA EM QUÍMICA PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO/IFMA - CAMPUS CODÓ. FOI PESQUISADORA BOLSISTA ITI A/CNPQ NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

EMANUELLY KAROLINE DE SOUZA - GRADUANDA EM LICENCIATURA EM QUÍMICA PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO/IFMA - CAMPUS CODÓ. FOI PESQUISADORA BOLSISTA ITI A/CNPQ NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

KHETY ELANE HOLANDA DE OLIVEIRA - GRADUANDA EM LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO/IFMA - CAMPUS CODÓ. TÉCNICA EM FLORESTA. FOI PESQUISADORA BOLSISTA ITI A/CNPQ NO ÂMBITO DESTES PROJETO.

## RESUMO

---

A atividade do extrativismo do coco de babaçu é tradicionalmente ligada ao trabalho feminino no Estado do Maranhão. Na cidade de Codó, região dos cocais, verifica-se intensa participação das mulheres na quebra do coco babaçu. O estudo em questão analisa os processos sociais relacionados ao tripé gênero, trabalho e identidade a fim de que, de maneira dialética, possamos compreender o universo cultural destas mulheres quebraadeiras de coco. Esta pluralidade de discursos e posicionamentos constitui formas de acomodação, contestações e resistências marcando as particularidades dos arranjos familiares, mediados pelo status e locus laboral. Este trabalho considera, ainda, o impacto do recebimento do benefício do Programa Bolsa Família (PBF) na constituição da rotina destas mulheres, de sua identidade e de seus modelos familiares. Estando o benefício vinculado, especialmente, às mulheres/mães, pretendeu-se investigar como ele ingressava entre as estratégias e projetos familiares de combate à fome. A metodologia adotada baseia-se no acompanhamento de doze mulheres em suas práticas cotidianas, suas casas, seus espaços de trabalho e nas associações as quais são integrantes. Nossa conclusão perpassa uma análise sobre os encontros e desencontros entre a lógica formal do Programa Bolsa Família e as sensibilidades e lógicas do público ao qual o Programa se destina.

**PALAVRAS-CHAVE:** BOLSA FAMÍLIA; GÊNERO; ARRANJOS FAMILIARES; FOME.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

## ABSTRAT

---

The babaçu coconut extraction activity is traditionally linked to female work at state of Maranhão. In the city of Codó, in cocais region, it is verified an intense participation of women in the babaçu coconut break. The study analyzes the social process related to the tripod genus, work and identity so that in a dialectic way, we can understand the cultural universe of these coconut breaker women. This plurality of speeches and positions constitutes ways of accommodation, denial and resistances marking the individual aspects of family arrangements, brokered by the status the impact of receiving the benefit of the Bolsa-Família Program in the constitution of their routines, of their identities and familiar models. Being the benefit linked, specially, to women/mothers, it was intended to investigate hour it entered among the strategies and familiar projects of hunger combat. The adopted methodology is based on the accompaniment of twelve women in their daily practices, their houses, their spaces of work and in the associations which they are part. Our conclusion passes by an analyze about the meetings and failures in meetings between the formal logical of the public that the program is destined to.

*KEY-WORDS: BOLSA-FAMÍLIA; GENUS; FAMILY ARRANGEMENTS; HUNGER.*

## INTRODUÇÃO

---

A atividade do extrativismo do coco de babaçu é tradicionalmente ligada ao trabalho feminino no Estado do Maranhão. Segundo Barbosa (2006), aproximadamente 10,3 milhões de hectares são ocupados por babaçuais neste Estado, somando cerca de 400 mil famílias vivendo da economia do babaçu. Na cidade de Codó, região dos cocais, estima-se intensa participação das mulheres na quebra do coco.

A análise da atividade do extrativismo do coco de babaçu, segundo autores como Rego e Andrade (2006) e Barbosa (2006), não pode prescindir de uma discussão sobre a forte presença das mulheres no desempenho desta prática. Nesse sentido é importante ter clareza de que não se está falando de mulheres abstratas, mas provenientes de famílias de baixa renda e muitas delas auto identificadas como pardas e negras, especialmente no Estado do Maranhão. O município de Codó alcança IDH de 0558 (PNUD, 2008), tem uma população estimada em 118.038 habitantes (CENSO, 2010) e cerca de 50% da população se autodeclarou negra. Parte da população tem como fonte de renda a atividade oriunda da agricultura, pecuária e da quebra do coco babaçu.

Durante os anos 50, do século XX, passam a existir as primeiras mobilizações na luta pela possibilidade de manter a atividade da quebra de coco no Estado do Maranhão, especialmente em virtude de leis sobre o uso da terra e o acesso aos babaçuais (como, por exemplo, a lei conhecida como Lei Sarney de 1969). Em 1990 foi criada Associação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (AMIQCB) que integra os Estados de Tocantins, Maranhão, Piauí e Pará. Essas mobilizações impulsionaram a organização das quebradeiras de coco babaçu. Na cidade de Codó, as “quebradeiras de coco” constituíram associações, sendo estas organizações coletivas uma das formas de relação destas mulheres com o Estado.

Para além dessa relação, esta pesquisa procurou pensar em outra forma de relação destas mulheres com o Estado: aquela dada a partir do recebimento do benefício do Programa Bolsa Família(PBF)<sup>1</sup>. As mulheres identificadas como “quebradeiras de coco” formam parte do público ao qual se destina o Programa. No município de Codó, cerca de 18.894 famílias são atendidas pelo Programa (MDS, 2011). Neste sentido, este projeto procurou avaliar o impacto do recebimento do benefício do PBF na constituição da rotina destas mulheres, de sua identidade e de seus modelos familiares, considerando que o benefício está vinculado, prioritariamente, às mulheres/mães. Sendo também o recebimento do benefício, por parte deste público, um momento interessante para perceber como um elemento externo e provindo de uma relação com o governo ingressa num cotidiano marcado por características de gênero e classe.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

1 O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA É UM PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA CONDICIONADA DE RENDA QUE TEVE INÍCIO NO BRASIL NA PRIMEIRA GESTÃO DO PRESIDENTE LUIS INÁCIO LULA DA SILVA, NO ANO DE 2003, TENDO CONTINUIDADE NO GOVERNO DA ENTÃO PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF. A PARTIR DO PBF, FAMÍLIAS COM RENDA MENSAL DE ATÉ 140 REAIS PER CAPITA, ATRAVÉS DO CADASTRO ÚNICO, PODEM RECEBER O BENEFÍCIO DE R\$ 32 ATÉ R\$ 306 MENSAIS, DE ACORDO A EXISTÊNCIA/NÚMERO DE FILHOS. (MDS, 2011). O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA INTEGRA O PROGRAMA FOME ZERO, MARCADO POR DIFERENTES MEDIDA (ESTRUTURAIS E EMERGENCIAIS) DE COMBATE À FOME NO BRASIL E, POR ESTA VIA, DE ENFRENTAMENTO DA POBREZA.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

O estudo teve como sujeitas da pesquisa doze (12) quebradeiras de coco vinculadas às associações de quebradeiras de coco babaçu da cidade de Codó/MA, as quais foram acompanhadas em seu cotidiano doméstico, laboral e associativo. Diante dessa perspectiva, a metodologia adotada considerou duas dimensões analíticas: a dimensão histórica e cultural (de classe e de gênero) que delineou o perfil identitário do grupo e a dimensão social do trabalho - marcado pelas representações do capitalismo na base da organização comunitária e campesina das quebradeiras de coco babaçu e suas representações geracionais.

Desta forma, procurou-se apreender os sistemas de representação e de classificação do universo de pesquisa bem como as lógicas e as práticas do cotidiano das quebradeiras de coco babaçu de Codó/MA através da observação participante, da construção de diários de campo, da aplicação de questionários socioeconômicos e da condução de entrevistas semi-estruturadas.

A aplicação de questionários, como um dos procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados, teve como meta traçar o perfil socioeconômico das quebradeiras de coco babaçu vinculadas às associações de quebradeiras de coco do município de Codó/MA<sup>2</sup>.

O questionário foi formado por perguntas fechadas que abrangeram questões fundamentais como perfil pessoal e familiar (idade, estado civil, religião, casamentos, quantidade de filhos, idade dos filhos, residência); trajetória de trabalho (tempo na “quebra de coco”, outras atividades laborais paralelas, experiências de trabalho anteriores, envolvimento geracional na atividade da quebra de coco); participação na associação (tempo de participação, cargos desempenhados, participação em grupo semelhante anteriormente); participação em programas governamentais (quais programas participaram, participação no Programa Bolsa Família, participação em outras iniciativas estatais de combate à fome); e orçamento familiar (renda dos membros da família, renda proveniente da quebra de coco, outras fontes de renda).<sup>3</sup>

Esta pesquisa adotou também como procedimento metodológico para coleta de dados a realização de entrevistas semi-estruturadas com as doze mulheres quebradeiras de coco escolhidas<sup>4</sup> para serem acompanhadas pela equipe do projeto

2 AS ASSOCIAÇÕES ACOMPANHADAS DURANTE A PESQUISA FORAM: ASSOCIAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS E QUEBRADORES DE COCO BABAÇU DO BAIRRO NOVA JERUSALÉM, COM 362 ASSOCIADAS (OS) E A ASSOCIAÇÃO DO BENEFICIAMENTO DO COCO BABAÇU DO BAIRRO PORAQUER COM 280 ASSOCIADAS (OS).

3 ESTE LEVANTAMENTO INICIAL DEVERIA CONTEMPLAR TODAS AS MULHERES PERTENCENTES ÀS DUAS ASSOCIAÇÕES DE “QUEBRADEIRAS DE COCO” QUE DEFINEM O UNIVERSO DA PESQUISA. TODAVIA, AS ATIVIDADES REALIZADAS PELA ASSOCIAÇÃO NÃO SÃO FREQUENTADAS POR TODAS AS QUEBRADEIRAS DE COCO ASSOCIADAS. POR ISSO, ADOTOU-SE COMO PARÂMETRO A APLICAÇÃO DE 50 QUESTIONÁRIOS EM CADA UMA DAS ASSOCIAÇÕES, TOTALIZANDO, POIS, 100 QUESTIONÁRIOS VÁLIDOS PARA ANÁLISE.

4 A ESCOLHA DAS DOZE MULHERES A SEREM ACOMPANHADAS SE DEU ATRAVÉS DA INDICAÇÃO DAS PRESIDENTES DAS ASSOCIAÇÕES. PEDIMOS PARA QUE AS PRESIDENTES CONSIDERASSEM, ALÉM DO RECEBIMENTO DO PBF, QUE AS MULHERES INDICADAS TIVESSEM AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS: FOSSEM MULHERES CASADAS, SOLTEIRAS, DIVORCIADAS, VIÚVAS; COM COMPOSIÇÃO FAMILIAR VARIADA (QUE MORASSEM COM SEUS COMPANHEIROS E FILHOS E QUE TIVESSEM OUTROS ARRANJOS FAMILIARES); QUE TIVESSEM A QUEBRA DE COCO COMO ÚNICA ATIVIDADE GERADORA DE RENDA E QUE QUEBRASSEM COCO E TIVESSEM OUTRA ATIVIDADE GERADORA DE RENDA E QUE FOSSEM DE IDADES DIVERSIFICADAS.

em seu cotidiano doméstico, laboral e associativo, e com as duas presidentes das AQCB's da cidade. Para tal, dois roteiros compostos por um esquema pré-definido de perguntas não fechadas<sup>5</sup> foram elaborados para cada um destes grupos<sup>6</sup>.

## MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Para entender os cotidianos e as relações nas quais se envolvem as quebradeiras de coco de babaçu da cidade de Codó, sujeitas desta pesquisa, foi considerada a articulação entre as categorias de gênero e classe.

As categorias de gênero e classe são pensadas no âmbito desta pesquisa de forma dialética e não estanques entre si. Retomando Aguiar (2007, p.83), podemos auferir que as hierarquias sociais "fazem parte do senso comum das pessoas e das formas como elas se classificam ou classificam as outras." Para o autor, as formas de discriminação e de preconceito estão vinculadas, portanto, aos modos como as pessoas classificam-se.

Para Aguiar (2007, p.83), a noção de classe vincula-se a posse do capital, quando a detenção ou ausência do capital define o pertencimento do indivíduo a uma determinada classe. É neste sentido que o autor considera que "as classes sociais são realidades objetivas decorrentes de posições que os sujeitos ocupam na esfera produtiva." Segundo Thompson (1987, p.9), as classes são "um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência."

Já para Bourdieu (1996, p.26-27) "classes sociais não existem. [...] O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer." Todavia, para o sociólogo francês as classes são objetivamente relacionadas à posição social segundo o conjunto dos recursos econômicos, sociais, culturais e simbólicos utilizados pelos agentes para conservar sua posição, a própria estrutura do capital e a trajetória social do agente indicada ao longo dos eixos espaciais.

O conceito de raça<sup>7</sup>, sociologicamente, é uma construção social que opera na vida social, pois, os seres humanos se pensam e se classificam enquanto diferentes. Logo, a cor de uma pessoa está associada a um significado simbólico. Deste modo,

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

5 A OPÇÃO PELO ROTEIRO DE PERGUNTAS NÃO FECHADAS TEM COMO VANTAGEM OBTER INFORMAÇÕES ENUNCIADAS DE FORMA MAIS LIVRE, UMA VEZ QUE, POSSUI CARÁTER SITUACIONAL, NA FORMA DE DIÁLOGO LIVRE QUANDO AS RESPOSTAS NÃO SÃO CONDICIONADAS A UMA PADRONIZAÇÃO DE ALTERNATIVAS. O ROTEIRO DE PERGUNTAS NÃO FECHADAS PERMITE AO ENTREVISTADOR ADEQUAR O SCRIPT A UMA LINGUAGEM MAIS INTELIGÍVEL PARA O ENTREVISTADO FACILITANDO O TOM DE COLOQUIALIDADE. DESTE MODO, PROCUROU-SE ABRIR ESPAÇO PARA O ENTREVISTADO SENTIR-SE RESPEITADO, QUALQUER QUE SEJA O SEU "CAPITAL CULTURAL", INIBINDO TANTO QUANTO POSSÍVEL O "MONOPÓLIO DA PALAVRA" POR PARTE DO ENTREVISTADOR (BOURDIEU, 1999).

6 O PRIMEIRO ROTEIRO DE ENTREVISTAS ELABORADO PARA AS DOZE QUEBRADEIRAS DE COCO ABRANDEU CINCO EIXOS ANALÍTICOS – TRAJETÓRIA, PERFIL E DINÂMICA FAMILIAR; TRAJETÓRIA NA QUEBRA DO COCO; BOLSA FAMÍLIA: USOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROGRAMA; FOME, ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS; GÊNERO – CONTENDO TRINTA E OITO PERGUNTAS NO TOTAL. O SEGUNDO ROTEIRO, ELABORADO PARA AS PRESIDENTES DAS AQCB'S ABRANDEU TRÊS EIXOS ANALÍTICOS – TRAJETÓRIA, PERFIL E DINÂMICA FAMILIAR, A QUEBRA DE COCO EM CODÓ, A ASSOCIAÇÃO – CONTENDO QUARENTA E TRÊS PERGUNTAS NO TOTAL.

7 EMBORA A CATEGORIA RAÇA TENHA SIDO APONTADA PARA ANÁLISE NÃO OBTIVEMOS DADOS SUFICIENTES PARA DISCUTI-LA.

a raça e a cor funcionam como um critério relevante na ocupação de posições sociais na estrutura de classes, ou seja, como mecanismo criador de desvantagens no acesso ao mercado de trabalho e outros setores da sociedade (AGUIAR, 2005). O autor destaca-se, por sua vez, que raça não é pensada como uma categoria biológica, relacionada ao material genético de cada indivíduo, mas é pensada como uma categoria social, construída historicamente e que estrutura desigualdades existentes na sociedade brasileira.

No Brasil, a fronteira entre raça e classe é muito tênue. Pode-se, portanto, afirmar que no país a pobreza tem cor. A "raça" ou "cor" é uma entre as muitas representações do universo social que orientam os critérios empregados para enfatizar e legitimar outras divisões da sociedade que nutrem as relações de poder de muitos e contraditórios modos. Logo, raça e classe se relacionam e são conceitos essenciais para se pensar as hierarquias sociais (MELO, 2005).

Outra categoria fundamental acerca das hierarquias sociais é a de gênero. O conceito de gênero foi introduzido como categoria útil de análise pelos estudos feministas para interpretar as relações entre homens e mulheres. Tal categoria designaria significados simbólicos e sociais associados ao sexo. Permitindo, assim, entender que certas atividades vinculadas ao feminino não eram uma atribuição "natural", mas sim, uma construção sociocultural, por isso mesmo, sexo e gênero seriam categorias diferenciadas (NICHOLSON, 2000). Ora, as funções associadas às mulheres como maternidade e o cuidado do lar eram entendidas como atribuições "naturais" do sexo feminino. A categoria gênero pretende, pois, entender na relação entre homens e mulheres os signos que estruturam assimetrias e desigualdades entre os sexos. Assim, gênero vem à baila para dizer que as relações entre homens e mulheres não podem ser explicadas apenas no terreno da natureza e da biologização, pois,

Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais. [...] Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos (NICHOLSON, 2000, p. 2).

Nesse mesmo sentido, para Grossi (s/d, p.4), o conceito gênero (gender) tem como origem social "as identidades subjetivas" versus a determinação biológica diferencial dos sexos. A autora diz que o gênero considera o indivíduo na relação, logo,

é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo (GROSSI, s/d, p. 5).

Outra definição trazida por Grossi (s/d) para significar as relações entre homens e mulheres são os papéis de gênero que seriam "Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho" (GROSSI, s/d, p.76). Por fim, Grossi (s/d) traz à ideia de identidade de gênero: a sexualidade, os papéis de gênero e o significado social da reprodução para os indivíduos em uma determinada cultura. Assim, se o sexo ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres, o gênero remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (papéis sexuais) e a identidade de gênero é a categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada. Contudo, gênero não é pensado apenas como uma categoria relacional e social, mas também como uma categoria que supõe hierarquias entre pólos, com os homens ocupando posições de maior poder.

Ora, classe, raça e gênero são categorias que devem ser pensadas em relação e não como uma soma de discriminações/desigualdades/assimetrias que perpassam a vida das quebradeiras de coco babaçu da região de Codó/MA. Se gênero, classe e raça acionam hierarquias de poder e signos "naturalizados", são também categorias úteis para analisar identidades e relações entre os agentes sociais. Esta perspectiva ora adotada considera que atributos morais e sociológicos (por exemplo, ser mulher e pobre) são representações por meio das quais os indivíduos são classificados nos espaços sociais, segundo critérios culturais. Contudo, vale destacar que a questão racial ultrapassa a questão da classe e que, apesar de se reforçarem mutuamente, estas possuem dinâmicas independentes.

Todavia, privilegiou-se analisar estas mulheres no discurso e na ação, procurando entender como elas se envolvem nos "negócios humanos" do mundo do trabalho, em certos espaços tidos como privados (o cotidiano do lar e da família) e nas esferas tidas como públicas (na associação, em reuniões com políticos) desprivilegiando a aceitação de mulheres, pobres, analfabetas e sofredoras. Procurou-se, portanto, através do exercício de relativização, conferir positividade às suas vidas apontando como elas negociam representações e como constroem relações de gênero e a identidade de quebradeira de coco nas redes de relações mais amplas e diversificadas nas quais elas interagem, para além do desempenho de papéis sociais estigmatizados.

Portanto, o artigo aborda: o perfil socioeconômico das quebradeiras de coco em Codó; a entrada das mulheres na quebra de coco e transmissão do saber; a dinâmica do trabalho; as relações familiares e de gênero implicadas em seu fazer laboral; a construção de sua identidade - como se vêem/sentem; analisa o Bolsa Família e os modelos e dinâmicas familiares das quebradeiras de coco beneficiadas pelo programa; o impacto do Bolsa Família entre as mulheres acompanhadas; e apresenta o olhar das quebradeiras sobre o programa, sua lógica de funcionamento, limites e possibilidades.

## **AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ**

As quebradeiras de coco babaçu, abordadas por esta pesquisa, estão localizadas no espaço geográfico maranhense, da área denominada região dos cocais, localizada entre o cerrado e a mata dos cocais. A região dos cocais é composta pelos municípios de Alto Alegre do Maranhão, Coroatá, Timbiras, Peritoró e Codó. Sua

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

principal caracterização se dá, em termos de cobertura vegetal, pela intensa presença das palmeiras nestes territórios. Em Codó, cuja área territorial corresponde a 4.361,318 Km<sup>2</sup>, prevalece a Floresta aberta ou de babaçu tanto na área urbana quanto na área rural do município. (PDP - CODÓ, 2006).

O perfil socioeconômico das quebradeiras de coco do município de Codó é aqui apresentado por meio dos dados coletados através da aplicação dos questionários entre as cem (100) mulheres que freqüentavam as associações neste município. Traz, portanto, uma descrição a respeito de seu perfil pessoal e familiar; de sua trajetória de trabalho; de sua participação na associação; de sua participação em programas governamentais e de seu orçamento familiar.

Em relação ao local de origem, das referidas mulheres, podemos verificar que houve um deslocamento significativo (48%) do local de nascimento, interior de Codó, para a cidade. Este deslocamento pode estar associado à procura por acesso de alguns serviços básicos como saúde, educação e trabalho. Vale ressaltar que as mulheres, apesar de terem migrado do interior, zona rural, para residirem na zona urbana da cidade, ainda mantém uma ligação intensa com o campo, haja vista, deslocar-se para a zona rural "mato", em sua grande maioria, diuturnamente para a coleta do coco babaçu.

As mulheres contempladas pelos questionários estão, em sua maioria, na faixa etária entre 41 e 60 anos (54%), são casadas (57%), católicas (92%), têm pouco estudo (56%) não sabem ler nem escrever ou só sabem assinar o nome e a maioria delas declarou-se parda (69%). Elas têm em média 4 (quatro) filhos vivos e 76% delas afirmam estarem seus filhos, em idade escolar, frequentando as instituições de ensino. Organizam-se em suas residências com um agregado de pessoas, arranjo familiar (65%) para além do que se considera núcleo familiar (mãe, cônjuge/ companheiro e filhos (as)).

Quanto aos indicadores referentes às condições de moradia, verificou-se que 68% dos domicílios apresentam características urbanas - considerando-se a proximidade a comércios, postos de saúde, farmácias, correios, etc.; e que 72% dos domicílios foram apresentados como próprios de alvenaria, com ou sem revestimento, desobrigando as famílias das despesas com aluguel. Contudo, estes domicílios, em sua maioria, não têm escritura, pois os terrenos em que foram construídas as residências são oriundos de doações e ainda não foram legalizados.

As residências das mulheres apresentam ter água encanada (94%), iluminação (94%) e banheiro ou sanitário (56%) com escoamento feito através de fossa séptica (42%). Elas afirmam, em sua grande maioria, terem seu lixo coletado pela rede pública (73%) e terem pavimentação ou calçamento em frente aos seus domicílios (41%), em oposição a 69% que afirmaram não ter pavimentação/calçamento total (41%) ou parcial (18%).

Diante dos dados coletados sobre Trabalho e Renda obtivemos o seguinte perfil das quebradeiras de coco babaçu associadas: cerca de 80% das mulheres exercem atualmente a atividade de quebra. Para as que não estão exercendo tal atividade, merecem destaque as citações para os motivos do afastamento desta atividade relacionadas, em sua maioria, a doenças e acidentes oriundos da atividade

da quebra de coco. Vale ressaltar que, cerca de 60% das mulheres mencionam estar há mais de trinta anos na atividade de quebra de coco babaçu.

Dos 76% das mulheres que afirmam quebrar coco atualmente, 37(trinta e sete) delas disseram ter como única fonte de renda esta atividade e 39(trinta e nove) dizem também tirar o sustento da família de outras atividades, em especial da atividade de roça/lavoura. A atividade da roça/lavoura, por sua vez, é realizada por todos os membros da família. Este trabalho ocorre em territórios ocupados por terceiros, em sua grande maioria, cabendo uma divisão na produção para pagamento do uso das terras para o plantio, seja de feijão, legumes, frutas, verdura ou arroz, o chamado arrendamento. Sendo o arroz e o feijão os plantios mais comuns. O trabalho na roça/lavoura se caracteriza como uma atividade de subsistência contribuindo para a alimentação da família durante o ano.

Muitas mulheres apontam o trabalho do cônjuge/companheiros, filhos (as), como complementares a renda da família. Dentre os 73% das mulheres que afirmaram não ser a sua atividade a única renda da família, houve 52(cinquenta e duas) citações para a complementação da renda familiar pelo cônjuge/marido e 29(vinte e nove) citações para complementação da renda familiar oriunda do trabalho dos filhos (as). Contudo, o trabalho das mulheres seja na quebra, seja em outras atividades, está sempre presente nos gastos familiares diários.

Mais da metade das mulheres entrevistadas (69%) afirmaram receber o benefício do Bolsa Família, sendo administrado (67%) por elas mesmas, e tendo como destino, prioritário, a compra de alimentos. O fato delas destinarem o recurso, prioritariamente, para a alimentação, demonstra a necessidade mais urgente das famílias, cujo indicativo se cruza com o de recebimento de alimentos, uma vez que 71% afirmam receber ou já ter recebido alimentos de alguma entidade – igreja, associação, CRAS e apontam especialmente a CONAB, cuja frequência na entrega dos alimentos é regular, mas insuficiente.

A participação política em outras entidades coletivas é de apenas 26% das mulheres. Contudo, todas as mulheres contempladas pelos questionários são associadas das AQCB's há pelo menos um ano (56%) - o que resguarda sua identidade como quebradeiras de coco babaçu e lhe permite o acesso aos benefícios vindos através das associações.

## **A ENTRADA DAS MULHERES NA QUEBRA DO COCO E A TRANSMISSÃO DO SABER**

Os dados coletados através da aplicação dos questionários expressam, de modo geral, que as quebradeiras de coco do município de Codó, residem com um agregado de pessoas, cujo trabalho que se destaca como fonte de renda familiar advém da quebra do coco babaçu, da atividade da roça/lavoura, da atividade de subsistência e, ou de trabalhos precários e informais realizado por elas ou por algum familiar.

Muitas quebradeiras relataram que se deslocaram, ainda criança, para a zona urbana como forma de enfrentamento à pobreza e à fome e que foi por volta dos oito anos de idade que tiveram suas primeiras experiências com a quebra do coco atividade que passou a acompanhá-las durante quase toda a vida.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

As doze quebradeiras de coco<sup>8</sup>, acompanhadas durante a pesquisa, referenciam a aprendizagem da técnica de quebrar coco às suas mães, avós e irmãs. Trata-se, pois, de um conhecimento tradicional que é transmitido de geração em geração, frequentemente, entre mulheres. Todavia, muitos homens no universo desta pesquisa falaram que também quebram coco e que seus pais também quebravam. O conhecimento da quebra de coco é transmitido de pais para filhos a despeito de muitas filhas de quebradeiras não saberem quebrar coco.

Neste sentido, Gorete afirma que as jovens de sua idade que moram na cidade de Codó, filhas de quebradeiras de coco, não sabem quebrar ou não “sobem no caminhão”, pois “tem vergonha” e “preferem ter vida fácil”. Segundo Gorete, estas jovens apenas se vinculam às associações para “garantir os direitos da aposentadoria” como trabalhadoras rurais. Ela diz que só futuro dirá sobre a continuidade da tradição da quebra de coco na região, já que, nos dias atuais as jovens preferem exercer outras atividades laborais.

Neste mesmo sentido, Efigênia falou que tem “muitas moças” na associação que não sabem quebrar coco, não tem a quebra como trabalho, mas se associam. As mulheres que “quebram mesmo” são bem poucas e, geralmente, são mais velhas. Segundo Efigênia, poucas jovens são “quebradeiras mesmo”. Ela expressava em suas palavras que ser quebradeira de coco requer ter a quebra como trabalho diário e não apenas como meio de obter benefícios (Diário de campo 31, 18/05/2011). Dona Ana relatou que “muitos filhos de quebradeiras têm vergonha delas e que muitas vezes nem dizem que a mãe quebra coco” (Extrato de diário de campo 05, 11/04/2011).

Outra questão que se relaciona com a falta de jovens na quebra de coco pode ser explicada pelo exemplo de Gorete que apesar de afirmar de “gostar do mato” e de quebrar coco, pretende “se formar” para ter futuro melhor, pois, o dinheiro que ganha com a quebra de coco não supre as necessidades básicas de sua família. Deste modo, o futuro que Gorete vislumbra – ter uma vida melhor – não será, segundo ela, através da atividade da quebra de coco. Talvez por isso, a despeito das doze quebradeiras de coco (bem como as demais) dizer que também ensinaram a seus filhos (homens e mulheres) a técnica da quebra de coco (exceto Gorete, Socorro e Marta, pois, têm filhos ainda pequenos) os filhos destas mulheres preferem ter outra atividade laboral. Os filhos de Rosa, Rita e Efigênia, por exemplo, vão quebrar coco e fazer roça, mas não realizam estas atividades com exclusividade. Já os filhos de Rosalina, Nazaré, Teodora, Generosa, Delfina não quebram coco. Os filhos de Jesus sabem quebrar coco, mas trabalham em “firma” [empresa] com isso, somente as mulheres quebram coco.

Do mesmo modo, elas ressaltam a importância dos estudos como meio de “ser alguém”, “ter um futuro diferente” a fim de não passar privações, não ter que enfrentar a fome. Por isso mesmo, compreendem o seu lugar social: de mulheres e pobres. Como ressaltado por Roseli numa reunião na AQCB do Poraquer: “eu quero

8 GORETE, EFIGÊNIA, ROSA, RITA, NAZARÉ, TEODORA, GENEROSA, DELFINA, ROSALINA, MARTA, SOCORRO, JESUS SÃO OS NOMES FICTÍCIOS DAS DOZE QUEBRADEIRAS ACOMPANHADAS DURANTE A PESQUISA. OS OUTROS NOMES REFEREM-SE ÀS PRESIDENTES DAS ASSOCIAÇÕES, MARIDOS/COMPANHEIROS OU FILHOS (AS) DAS QUEBRADEIRAS.

que meus filhos estudem pra ser alguém na vida que eu não fui”. Dona Ana retruca: “e você não é alguém na vida?”. Roseli responde: “sou sim, mas hoje em dia só é alguém quem tem estudo” (Extrato de diário de campo 05, 11/04/2011). Ora, a quebradeira de coco, mulher, mãe, pobre e sem estudo “não é ninguém” (Diário de campo 05, 11/04/2011). Por isso, Roseli quer que seus filhos estudem para “ser alguém” o que significa ter melhores condições de vida, não passar fome e ter um trabalho digno e valorizado.

De todo modo, elas valorizam a quebra de coco, pois sempre falam do orgulho e de como gostam de ser quebradeira de coco e de estar no mato, pois, foi este aprendizado que tiveram. Durante a quebra de coco com Rita, o local de quebra foi referenciado como o “escritório” deles: “tô aqui limpano nosso escritório” (Extrato do diário de campo 74, 17/08/2011)

Em uma visita a casa de Rita, Desidério já havia feito esta comparação com a equipe. Segundo ele, as ferramentas de roçar eram a sua lapiseira. Ou seja, valorizam o aprendizado tradicional que obtém, mas, consideram que “ter estudo” possibilitaria que seus filhos não passassem pelos mesmos “aperreios” que elas passaram. Por isso mesmo, estas mulheres se mudaram para a cidade a fim de que os filhos continuassem a estudar. Todavia, este entendimento de que a escolaridade permite acessar um futuro melhor não se constituiu num “projeto de ascensão” como vislumbrado pelas classes médias. Entende-se, portanto, que no contexto desta pesquisa, “ter estudo” possibilita que indivíduos cujas famílias são marcadas pela pobreza tenham mais oportunidade na vida. Percebemos que em algumas falas, mais oportunidade na vida é não quebrar coco. Para as quebradeiras de coco, como não tiveram estudo, “o jeito foi ir pra quebra”, Então, é por meio do estudo que seus filhos podem “ser alguém”.

## O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

A dinâmica da atividade entre as quebradeiras de coco babaçu consiste numa rotina diária de ida para a “mata”, onde existem as palmeiras, e de retorno para a casa onde, empreendem as atividades rotineiras do lar – cuidar dos filhos e de se prepararem novamente para o outro dia na quebra. Também nos tempos de plantio e colheita, deslocam-se para a roça.

A rotina diária do trabalho nos babaçuais e de aproveitamento do coco está associada há uma espécie de ritual específico traçado pelas quebradeiras, sendo seguido rigorosamente durante todos os dias em que saem de suas casas rumo à mata para desenvolverem a atividade da quebra. “[...]quando dá quatro e meia a gente já tá acordado aí começa logo a fazer as coisa de dentro de casa quando dá cinco hora aí já começa a amola machada[amolar o machado], e a arrumando sacola e bota panela e aí é que a gente vai. ( JESUS, entrevista, 15/08/2011).

Ao chegarem ao babaçal relatam que,

escolhem o local para a quebra e começam a limpá-lo com facão, cortando e afastando o mato. O local onde Dona Martinha e Dona Jesus quebram coco é chamado por elas de rancharia. Depois de escolhido a rancharia elas deixam seus

utensílios no local escolhido para arranchar-se. Pega somente o saco de nylon com as ferramentas de trabalho – machado, cacete e facão – e começamos a selecionar e coletar o coco babaçu. (Extrato do diário de campo 54, 02/07/2011).

Assim, após deixar a casa organizada partem para a avenida para pegar o caminhão, cedido pela prefeitura, para chegarem ao “mato”. Chegando ao local escolhido, de acordo com a quantidade de coco existente, preparam o terreno onde vão ficar durante aquele dia. Esta rotina por sua vez, traz consigo uma “incerteza”, posto que “não há um local específico pra coletar. Muitas vezes as quebradeiras se “dividem nas áreas de coleta em equipe de 2, 3 pessoas” (Extrato do diário de campo 16, 04/05/2011). Relatam que cada uma colhe e quebra seu coco, sendo que em algumas situações quebram coletivamente e dividem o “apurado” do dia entre si.

Nas áreas de coleta preparam sua alimentação<sup>9</sup>, quebram o coco e fazem o carvão com as cascas, separadas minuciosamente em montes. Conseguem separar, ao fim do dia, cerca de 5 a 8 quilos de amêndoa que são vendidos na volta para a cidade por cerca de R\$1,20, abaixo do preço estabelecido pelo governo (R\$1,46). Algumas vezes, fabricam o azeite, que demanda mais trabalho, contudo vendem por um “preço melhor” e utilizam, em sua maioria o carvão para cozinhar em suas casas, o que ajuda a economizar com as despesas com o gás de cozinha.

O trabalho dispensado com a quebra de coco é expresso por Efigênia como uma obrigação, logo que ingressa como atividade imprescindível para a manutenção da casa, embora esta não a considere como uma profissão como as demais. Embora de pouca rentabilidade, as mulheres a mantêm como a atividade principal na vida diária, haja vista que, se apropriam do babaçu seja em seu uso direto para a alimentação ou sua preparação, no caso do azeite e carvão, seja indiretamente, com a venda dos produtos gerando dinheiro (moeda) que será também utilizado, em sua maior parte, para compra de alimentos.

A ocupação em outros trabalhos as impossibilita de irem quebrar. De modo que, têm quebradeira que mesmo trabalhando a semana em outros serviços mantém a rotina de quebra aos sábados, pois para ela dá para tirar o “da festa e o da feira de domingo, aí já economiza.” (GORETE, entrevista, 23/08/2011).

A quebra do coco não se configura para elas um fardo pesado. Segundo as quebradeiras as conversas realizadas durante a quebra e as descontrações coletivas amenizam os esforços despendidos por elas durante a realização de seu ofício. Ressaltam, sobretudo, a disponibilidade de tempo e a liberdade que ganham para realizarem outras tarefas cotidianas.

Expressam que a atividade principal da mulher é a quebra e a do homem a roça ou lavoura. Embora as duas atividades sejam acessadas pelos dois de acordo com as

9 DURANTE AS ATIVIDADES DE QUEBRA AS MULHERES TAMBÉM PRECISAM ALIMENTAR-SE, E ESSA ALIMENTAÇÃO VARIA DE ACORDO COM A QUANTIA EM DINHEIRO QUE ELAS DISPÕEM NO MOMENTO. ASSIM LEOCÁDIA DISSE QUE “PARA SE ALIMENTAREM NO CAMPO SE LEVA FARINHA, TOMATE, LIMÃO, MAS QUE TEM DIAS QUE QUANDO NÃO DÁ PARA LEVAR O TOMATE O CHIBÉ É FEITO SEM TOMATE MESMO”. (EXTRATO DE DIÁRIO 5, 11/05/2011).

necessidades mais urgentes da casa. Desta forma, mulher também roça e alguns homens também participam das atividades de quebra do coco. De modo que, a produção social da existência implica por sua vez na participação dos dois gêneros.

## RELAÇÕES FAMILIARES E DE GÊNERO

A despeito da importância do homem provedor no universo desta pesquisa, das doze mulheres acompanhadas, cinco delas não possuíam marido/companheiro/homem em casa (Nazaré, Efigênia, Rosalina, Gorete, Generosa). Algumas delas (Nazaré, Rosalina, Generosa, Efigênia) passaram situações difíceis com seus maridos e hoje não querem ter um companheiro. Alegam que estão “véa” [velhas] ou que não tem mais paciência para homem. Todavia, destaca-se em suas falas a importância do homem provedor, do homem que deve trabalhar e do homem que dá o sustento.

Nazaré apontou que “quem não tem homem ganha ajuda”, pois, no contexto cultural no qual vive o homem deve provir o “local do consumo”. Rosa conta que após ser largada com dois filhos, “foi arranjar outro para ajudar a criar os filhos”. Como ressaltou Nazaré se o homem não trabalha, não ajuda e atrapalha a mulher. Nesse sentido, Jesus contou que, depois que seu marido a “largou” ficou sozinha com seis filhos para criar. Ela fala que para sustentar seus filhos ela já passou por muito sofrimento, inclusive de ter que ficar com homens para que estes a ajudasse no sustento de sua família. Assim, Jesus afirmou: “ou eu fazia isso ou meus filho morria de fome” (Extrato do diário de campo 54, 02/07/2011). Ela considera que “foi errada”, mas que nunca “fez pouco” da cara das esposas dos homens com os quais ficava, pois essas sequer sabiam que ela era amante deles (Extrato do diário de campo 54, 02/07/2011).

Ainda sobre as relações entre afins vale dizer que estas mulheres se casaram bem cedo, em média, antes dos 18 anos. Todavia, é expressivo o número de relações amorosas que elas possuem ao longo da vida, pois, “ter um homem” significa tanto ter um marido para provir a casa quanto ter um parceiro sexual. Por isso, como disse Ana, após o falecimento de seu primeiro marido não “esperou muito” para arranjar outro companheiro, pois, não “espero nem os vivos imagine o que tinha morrido” (Extrato do diário de campo 42, 03/06/2011).

No universo desta pesquisa marca-se também a preeminência do pai ou da mãe como figura de autoridade. Jesus foi obrigada a se casar depois de “ficar perdida”. Rita buscou no casamento uma forma de se libertar da mãe. Jesus disse a filha Gorete que ela deveria cuidar da vida após a separação. Mas, também são os pais que conferem a estas mulheres solidariedade e ajuda nos momentos difíceis. Nazaré foi ajudada pela mãe quando vivia um casamento infeliz, no qual passava fome. Socorro mora com o pai que a ajuda com as crianças. Rosa quando “vivia só” morava com os pais, assim como Jesus. Rosalina diz que depois que sua mãe morreu “foi que eu fui sofrer”, por isso, “quem quer saber o que é bom fique sem mãe” (Entrevista, 06/08/2011). Como dito, a despeito da importância do homem, as relações de sangue se sobrepõem as relações contratuais de casamento. A relação mãe e filho é a preferencial entre as quebradeiras de coco, pois, nesta há um contrato moral, como ressaltou Rosalina: “o filho deve se curvar à mãe”.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

Entretanto, mesmo que a figura masculina seja entendida como provedor, Teodora, Rita, Socorro e Rosa narram relações de gênero marcadas por parcerias, companheirismo e divisões de tarefa. Elas não negam a importância do homem provedor, mas ressaltam a necessidade de se unir para enfrentar a vida cotidiana adversa. Deste modo, estabelecem relações de parceira com seus maridos: enquanto Socorro está na rua, o marido cuida da casa, Teodora montou uma quitanda por que seu marido não podia mais trabalhar na roça por problemas de saúde, os filhos de Rosa fazem o serviço da casa e seu marido também ajuda, mesmo quando ela está em casa, Rita e Desidério, 41 anos de casamento, lutam juntos pelo bem estar da família. Nesse sentido, segundo Ahlert (2008, p.22-23).

Na bibliografia sobre grupos populares é recorrente que a figura dos homens seja associada ao provimento do sustento da casa, revelando a figura do homem provedor - configurado como uma presença ambígua (ZALUAR, 1985; SARTI, 1996, entre outros). Tal ambigüidade estaria relacionada com a instabilidade em corresponder com tal papel, devido às condições impostas da desigualdade social brasileira. O interessante na figura do provedor é sua força, apesar de sua realização plena ser rara e um tanto dotada de idealismo (FONSECA, 1995; BRITES, 2000).

Outra questão é que para elas casar requer "ter papel" e não apenas assumir publicamente uma relação conjugal e iniciar uma fase de co-residência (FONSECA, 2005, p. 40). Deste modo, as mulheres que são "junta" não se consideram casadas (Socorro, Rosa). Algumas falam que não são solteiras, mas não são casadas (Nazaré). Jesus, por exemplo, mora com um companheiro, mas se diz solteira. Fato é que, ao longo da pesquisa, pode-se perceber que algumas quebradeiras de coco falam que são solteiras, mesmo morando com um companheiro.

Ou seja, para elas ser solteira possibilita ter acesso a programas do governo, obter crédito e, no futuro, obter a aposentadoria rural. Todavia, há uma razão simbólica contida nesta razão prática: como o casamento só é válido "no papel", elas se dizem solteiras, pois, trata-se de uma categoria que possibilita quando "largadas" não ser separadas ou desquitadas. Suspeita-se, neste sentido, que estas mulheres se importam com o estado civil de desquitada ou separada (legalmente no papel), a despeito de narrarem como seus companheiros a "largaram" e como elas arranjaram logo outro companheiro.

Destaca-se ainda que as mulheres (Rosa, Jesus, Efigênia, Socorro, Generosa, Rosalina, Nazaré, Gorete) explicitaram as infidelidades masculinas bem como relações violentas, possessivas e ciumentas (Nazaré, Generosa). E que há homens que agriem suas companheiras (Rosalina, Marta). A despeito dos relatos sobre violência doméstica (Jesus, Rosalina, Marta, Nazaré) elas se manifestaram e se posicionaram contrariamente a dominação masculina (especialmente Marta em relação ao seu pai). Estas mulheres que relataram casos de violência doméstica romperam com seus companheiros agressores, a despeito da violência física, psicológica e simbólica que sofreram durante o casamento.

Deste modo, a figura do homem provedor e da autoridade e a dominação masculina podem ser lidas como ideais extremamente poderosos, mas não são vividas de maneira absoluta ou estável na vida cotidiana destas mulheres. Se tais ideias existem enquanto modelos, na realidade podem ser negociados, abrindo espaço, portanto, para a agência feminina. Por isso mesmo, considerou-se analisar as relações entre homens e mulheres no universo desta pesquisa na relação e não apenas a partir da concepção de que homens subordinam as mulheres. Os dados aqui apresentados apontam que há um contexto cultural de dominação masculina, mas que estas mulheres não respondem “apaticamente a uma dominação masculina”. (AHLERT, 2008, p. 23), pois, ao passo que há reforço das hierarquias de gênero, há espaço para a agência feminina.

## COMO SE VÊM/SENTEM

No roteiro da entrevista realizada com as doze quebradeiras de coco foi perguntado se elas gostavam de ser mulher, todas responderam que gostavam, mas as respostas foram diferenciadas. Generosa disse que gosta de “ser muié, [...] Ah porque é... sei lá minha vida é tranquila né” (Entrevista, 05/07/2011). Para Rosa a mulher que não tem marido, os homens sempre “qué dizer alguma pilera né, mais quem tem vai viver mior” (Entrevista, 06/07/2011). Socorro diz que “sempre gostei dessa parte de ser mulher” (Entrevista, 26/07/2011). Para ela, a mulher que tem curso e certificado “hoje em dia pra emprego ta tendo um pouco mais de facilidade” de conseguir emprego” (Entrevista, 26/07/2011). Rita diz que “pela uma parte é bom né” ser mulher: ser mãe e “aconselhar seus filhos” (Entrevista, 27/07/2011). Efigênia disse que gosta de ser mulher, mas que “agora eu já to uma velha, mais eu gosto, agora já to mesmo no restinho mais ainda serve[...]” (Entrevista, 04/08/2011). Mesmo se considerando velha, “sei lá porque é [bom ser mulher] (risos). Porque eu acho que é bom mesmo num é” (Entrevista, 04/08/2011).

Rosalina disse que “é bom a gente ser muie [risos]”. Perguntada se era melhor do que ser homem, ela respondeu: “de home eu num sei não, mas de muie e bom ser muie. Muie se arruma mio, a muie é mais calma, muie tem mais paciência, a muie é mais tanquila, a muie é mais carinhosa a muie e tudo. Né não?” (Entrevista 06/08/2011). Delfina disse que é bom ser mulher, mas que “mulher passa cada uma”, mas, “só na hora de ter um filho”, por que segundo ela, “é ruim demais” parir (Entrevista, 18/08/2011). Nazaré diz que é bom ser mulher por que a mulher sempre é ajudada e o homem não “porque é home” (Entrevista, 19/08/2011). Gorete diz que “as oportunidades pras mulheres são bem melhores agora né”, além disso, “ta bom ser mulher agora alguns anos atrás não era bom não, a mulher dependia muito do homem, hoje não hoje a mulher é mais independente dela própria” (Entrevista, 23/08/2011). Teodora diz que “ser mulher é ótimo”, mas que “só ter mulher e não ter homem nada feito. Então tem que ser os dois homem e mulher” (Entrevista, 05/09/2011). Jesus diz que é bom ser mulher por que tem serviço, mas “viver sozinha” trabalhando para sustentar os filhos é a parte ruim. Todavia, para um homem viver sozinho é mais difícil, segundo ela. Dona Marta diz que não sabe por que ser mulher é bom.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

Ser mulher neste contexto também se inscreve nos corpos destas quebradeiras que vão para o mato trabalhar na quebra de coco, atividade vinculada ao feminino. Logo, as marcas físicas que este trabalho inscreve em seus corpos denotam o dia-a-dia “difícil” que estas mulheres enfrentam. Todas possuem cicatrizes pelo corpo, especialmente nas mãos ressaltando como a quebra de coco marca seus corpos. Outra questão relacionada aos corpos destas mulheres quebradeiras de coco são as linhas de expressão, as peles enrugadas, as mãos ásperas, os pés rachados, o aspecto de maior idade do que possuem. Marcas que também expressam o “trabalho duro” que possuem. Em sua maioria, são mulheres que aos 50 anos se consideram “véa” [velha] (Generosa, Efigênia, Rosalina), não mais atraentes e dispostas a relacionamentos afetivos e sexuais.

Ainda sobre como o trabalho da quebra de coco marca os corpos destas mulheres, vamos a um relato de Gorete. Ela diz que as pessoas não acreditam que ela é quebradeira de coco babaçu. Gorete conta que quando estudava no IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão -, um dos motoristas não acreditava que ela era quebradeira de coco. Somente acreditou nela no dia que a viu em cima do caminhão juntamente com as demais quebradeiras de coco. Para ela, “acho que é bem pela minha aparência” (Entrevista, 23/08/2011), pois, as pessoas pensam que as quebradeiras são velhas, com a pele enrugada, maltratadas pelo trabalho no sol. Gorete concorda que “tem, muitas quebradeiras de coco não cuida, não se cuida entendeu? Pelo fato de quebrar coco acha que deve se desleixar, e eu não apesar de quebrar coco eu sempre me mantive bem cuidada” (Entrevista, 23/08/2011).

Vale dizer que, no universo desta pesquisa, as mulheres gostam de conversar sobre sexualidade, sexo e os parceiros que tiveram. A jocosidade e as conversas “salientes” são freqüentes nos espaços e no cotidiano destas mulheres. Fonseca (s/d) ressalta que o humor, as brincadeiras e os comentários sobre as relações conjugais e sexuais estão presentes no cotidiano das classes populares. Segundo Fonseca (s/d, p. 16)

As famílias ‘populares’ definem-se justamente pelo estilo jocoso de tratar os assuntos mais prementes da vida social. É essa jocosidade que, pela cumplicidade tácita da risada coletiva, age sub-repticiamente para transformar os diversos assuntos e as diversas regras (sejam elas oriundas dos grupos dominantes, dos ‘bons proletários’, ou dos homens) numa expressão própria aos grupos populares.

As quebradeiras de coco narram também doenças relacionadas ao seu trabalho como dores nas costas, na coluna e nos joelhos. Delfina além destes sintomas apresenta pernas inchadas fruto de uma diabete. Efigênia disse que já está cansada desta vida. Elas reclamam do cansaço e da “vida corrida” que levam, pois, o trajeto até o local de quebra de coco, frequentemente, é penoso. Teodora também enfrenta alguns problemas de saúde, mas, ela continua a quebrar coco a despeito da “vista” está ruim, por conta de problema de “nervoso”, ela diz que não usa óculos, pois, “na hora que boto ele me dá aquela gastura eu fico ruim de mais e a minha gastrite vem daqui eu to no remédio controlado com um monte de remédio a lhe eu disse que não ia depender disso” (Entrevista, 05/09/ 2011).

Por fim, ressalta-se que a mesma atividade difícil, dura e penosa da quebra de coco que imprime marcas físicas nos corpos destas mulheres e ocasiona doenças é a mesma que as permite “se governar”. O trabalho não valorizado, que não lhes dá dignidade, reifica seu lugar social de mulheres pobres e escraviza seus corpos (velhice, cicatrizes, doenças) é o que lhes dá liberdade, pois, no mato “ninguém manda”, não há horários, nem patrão. Assim expressa Marta: “Sou mais ante ir pro mato [...] por que lá eu me governo quebro meus cocos do jeito que eu quero, faço carvão ai pronto [...] por que eu não gosto que ninguém me manda (Entrevista, 16/08/2011).

É o ambiente que elas percorrem de forma perceptiva (INGOLD, 2000) diariamente a fim de exercer um conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração,

É porque a gente se interte e faz modo da historia é o que a gente sabe fazer tem que quebra coco minha família quebra coco e mora tudo no interior e só sabem fazer isso porque ninguém estudou mesmo. A eu gosto de fazer o meu serviço quebrar coco e ele fazer a roça dele (TEODORA, entrevista, 05/07/2011).

Trata-se do território que dá, sobretudo, significado as identidades de gênero e de quebradeira de coco destas mulheres. Desta forma, podemos identificar uma positividade na agência entre as relações familiares e de gênero de doze quebradeiras de coco da região de Codó/MA considerando que se “há uma separação que serve de referência para identificar ‘ser mulher’ e ‘ser homem’ nesse campo vivencial, as relações que lá se estabelecem são tão flexíveis quanto complexas” (BARBOSA, 2006, p. 55). Do mesmo modo, marca que as relações de gênero devem privilegiar, para além da situação de dependência e de opressão feminina, as agências femininas marcadas tanto por situações de maior vulnerabilidade quanto situações de maior privilégio. Nesse sentido, o território da quebra de coco expressa, sobretudo, “relações de gênero e de significados que se estabelecem em seu meio social” (BARBOSA, 2006, p. 35).

## **MODELOS E DINÂMICAS FAMILIARES DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BENEFICIADAS PELO PBF EM CODÓ**

O Programa Bolsa Família possui uma concepção de família que espraia a noção de pai-mãe e filhos, incluindo as famílias sem filhos. No que tange às famílias com a presença de crianças ou adolescentes, o que mais chamou a atenção da equipe de pesquisa é a plasticidade de tal concepção, já que, diante do cenário pesquisado, permite que sejam contemplados diversos arranjos e modelos de família como beneficiárias. Essa diversidade que marca os arranjos familiares aponta para a ideia de família como uma noção construída historicamente (ARIÈS, 1981) e, portanto, não universal ou pré-determinada (HERITIER, 1989). Contudo, ainda que reconhecendo o caráter de construção cultural da família, e, portanto de ficção, como diria Bourdieu (1997), é necessário entender que a família é uma ficção muito poderosa, na medida em que emana dos sujeitos e define sua própria prática<sup>10</sup>.

10 COMO AFIRMA BOURDIEU, A CONCEPÇÃO MODERNA DE FAMÍLIA FAZ COM QUE SE ENTENDA QUE “A UNIDADE DOMÉSTICA É CONCEBIDA COMO UM AGENTE ATIVO, DOTADO DE VONTADE, CAPAZ DE PENSAMENTO, DE SENTIMENTO E DE AÇÃO E APOIADO EM UM CONJUNTO DE PRESSUPOSTOS COGNITIVOS E DE PRESCRIÇÕES NORMATIVAS QUE DIZEM RESPEITO À VERDADEIRA MANEIRA DE VIVER AS RELAÇÕES DOMÉSTICAS: UNIVERSO NO QUAL ESTÃO SUSPENSAS AS LEIS CORRIQUEIRAS DO MUNDO ECONÔMICO, A FAMÍLIA É O LUGAR DA CONFIANÇA E DA DOAÇÃO” (BOURDIEU, 1997, P. 126)

Nas falas das quebradeiras de coco é possível perceber algumas características muito similares aquilo que Bourdieu (1997) denominou como características das famílias modernas. Neste sentido, o uso que as quebradeiras de coco babaçu de Codó fazem do benefício do Bolsa Família remete exatamente ao âmbito da casa (o autor destaca a moradia conjunta como traço da família moderna) e também à importância do cuidado com os filhos. Esta semelhança, contudo, como destacou Fonseca (2004; 2006) pesquisando famílias de baixa renda no Brasil, não pode sugerir que se compartilhe de apenas uma noção correta de família. A autora mostra como os modelos de família podem se desviar da noção de família nuclear (pai-mãe e filhos) e demonstra como, no seu universo de pesquisa, apareciam características importantes de outras possibilidades de família. Entre elas a autora destaca a força do laço de sangue, de forma que as relações entre consangüíneos se sobrepõem em importância àsquelas de aliança por intermédio de casamento. Além disso, mostra que o cuidado com as crianças pode ser socializado entre diferentes casas, dependendo do momento da vida das pessoas.

A composição das famílias das quebradeiras de coco é variada e nela se destacam os filhos e netos de criação. A bibliografia da antropologia destaca esta prática de "circulação de crianças<sup>11</sup>" (FONSECA, 2004) como "uma prática familiar, velha de muitas gerações, em que crianças transitam entre as casas de avós, madrinhas, vizinhas, e "pais verdadeiros". Dessa forma as crianças podem ter diversas mães sem nunca passar por um tribunal" (FONSECA, 2004, p.9).

A prática da criação de filhos (não biológicos) e netos, assim como uma maior fragilidade dos laços de consangüinidade (a pensar pelo número de casamentos e uniões) (FONSECA, 2002; 2004) faz com que sejam as mulheres, seja na posição de mães ou de avós, as pessoas que arcam com os maiores cuidados com as crianças e adolescentes. Estas características refletem na forma com que se configura o cenário da distribuição do benefício do Programa Bolsa Família entre as quebradeiras de coco entrevistadas:

#### Quadro 1 - Distribuição do Programa Bolsa Família entre as Quebradeiras de Coco

NOME:	POR QUEM RECEBE:
DONA GENEROSA	2 NETOS
DONA DELFINA	1 NETA
DONA SOCORRO	3 FILHOS
DONA RITA	1 NETO
DONA JESUS	2 NETOS (E SUA NORA QUE MORA COM ELA RECEBE PELO FILHO)
GORETE	1 FILHO
MARTA	2 FILHOS E 1 SOBRINHA
TEODORA	BENEFÍCIO BÁSICO
EFIGÊNIA	BENEFÍCIO BÁSICO
NAZARÉ	BENEFÍCIO BÁSICO
ROSA	3 FILHOS
ROSALINA	NÃO RECEBE, QUEM RECEBE É SUA FILHA QUE MORA EM SUA CASA COM O NETO.

FONTE: PROJETO MDS/CNPq 036/2010

Entre as quebradeiras, contudo, existem diferentes histórias que levaram à criação de filhos e netos e, diante disso, diferentes formas de se apropriar do dinheiro do benefício. Dona Delfina, por exemplo, recebe o benefício por uma neta de 10

11 "CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS, OU SEJA, O GRANDE NÚMERO DE CRIANÇAS QUE PASSA PARTE DA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM CASAS QUE NÃO A DE SEUS GENITORES" (FONSECA, 2006, P.14).

anos de idade. A menina é filha de uma filha de Delfina, que mora em Brasília. Delfina diz que a menina está com ela desde “molinha”, ou seja, desde pequena, porque nasceu em Codó e passou a viver com a avó quando tinha três anos de idade. Delfina ainda diz que não recebe nenhuma ajuda financeira da filha para cuidar da neta, apenas a renda do Bolsa Família (cujo cartão está no nome da avó). Delfina explica que a filha não consegue lhe ajudar porque tem uma nova família na cidade de Brasília.

Os casos de migração de familiares, especialmente em busca de emprego, para cidades como Brasília, Goiânia e São Paulo, são muito recorrentes na cidade de Codó. Durante a pesquisa de campo e em conversas com outros moradores, foi possível perceber que praticamente toda família possui algum membro migrante. Entre as quebraadeiras pesquisadas, a migração não apareceu apenas no caso de Dona Delfina. Dona Marta, por exemplo, além de seus próprios filhos biológicos, cria filhos de uma irmã que faleceu e de outra irmã que migrou para trabalhar fora do Estado do Maranhão.

Rita fez o cadastro para receber o Bolsa Família em um momento em que tinha um filho menor de dezoito anos e também um neto que residia com ela, ou seja, que ela criava. O neto voltou a residir com a mãe depois de um tempo. Contudo, para não alterar o cadastro, as duas mulheres acordaram com a permanência do menino no cadastro e, portanto no cartão da avó. O filho de Rita fez dezoito anos e ela ficou recebendo apenas pelo neto e o benefício básico. Ela e a filha dividem o valor do benefício que Rita recebe, ficando cerca de 70% para ela e cerca de 30% para a filha.

Sobre a divisão do dinheiro, outra situação interessante apareceu em campo. No pátio da casa de Dona Jesus residem diversas pessoas, entre elas sua filha Gorete, com seu próprio filho (que recebe o benefício), mas também Micaela, sua filha mais velha. Um dos filhos de Micaela é criado por dona Jesus desde que nasceu e outro criado pela própria Micaela. O cartão do PBF em nome de dona Jesus contempla estes dois netos. Como recebe o benefício dos dois, ela divide o valor, ficando com a metade e dando a outra parte para Micaela. O cartão está no nome de dona Jesus porque quando fez o cadastro para o Programa, Micaela tinha migrado para trabalhar, junto com o marido, no Estado de Minas Gerais e os netos estavam com dona Jesus.

Diante destes aspectos podemos perceber que a configuração da distribuição do benefício do Bolsa Família – quando pensamos especialmente a relação entre o ‘nome que está no cartão’ e ‘por quem se recebe’ - tem a ver com diversos fatores que influenciam, em determinado momento, o arranjo familiar. Assim, a migração, as dificuldades financeiras, etc., são elementos que influenciam diretamente na configuração da distribuição do benefício porque são elementos que também definem as famílias em determinados momentos. Como estes aspectos não são determinados ou fixados sem possibilidades de mudança – pelo contrário, são sazonais – quando se alteram, exigem que as pessoas façam pequenos ajustes na distribuição do dinheiro proveniente do Programa Bolsa Família. Estes ajustes são internos à própria família e costumam ser negociados entre as mulheres. Em alguns casos, como pudemos ver, não chegam ao conhecimento do CRAS ou da Secretaria de Assistência Social.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

Neste sentido, as dinâmicas familiares particulares, imprimem formas de lidar com o Bolsa Família que não estavam previstas na lógica do Programa Social (mas, que são passíveis de serem feitas dentro de sua estrutura). Pensando no impacto sobre as dinâmicas familiares, não é possível medir, a partir dos dados resultantes da pesquisa, se o recebimento do benefício tem diminuído, ou não, os casos de migração, por exemplo. O que se pode dizer, a partir de uma fala de Nazaré<sup>12</sup> é que algumas mudanças que eram comuns entre as famílias – especialmente envolvendo deslocamentos para o interior para as colheitas – têm sido repensadas sob a ótica da manutenção das Condicionalidades.

De maneira geral, a utilização do dinheiro apresenta finalidades semelhantes entre as quebradeiras pesquisadas. Em um primeiro lugar, quando não se consegue outra forma de renda ou aquisição de alimentos, o dinheiro proveniente do PBF serve para comprar comida. Tal situação foi apontada por várias quebradeiras. A utilidade primeira do dinheiro que entra na casa, pelo menos aquele por intermédio das mulheres, é a alimentação. Ainda que destaquem esta finalidade primeira, ela apareceu 'sozinha' em poucas respostas. Ou seja, como as quebradeiras continuaram com outras fontes de renda, afinal, nunca pararam de quebrar coco ou fazer roça, o dinheiro do benefício espalha-se para além da alimentação. Neste sentido, é apontado como sendo utilizado, principalmente com duas finalidades: pagar contas domésticas como água, luz, gás; e para auxiliar nas despesas com as crianças e adolescentes, principalmente as relativas à escola. Contudo, apesar destas duas recorrências mais constantes, é possível destacar que o destino do dinheiro proveniente do benefício depende da necessidade da família naquele momento do mês, momento no qual acessam o benefício.

O uso do dinheiro proveniente do Programa Bolsa Família está condicionado à situação de vida da família no momento do seu recebimento. Esta forma de repasse garante, portanto, que as mulheres encontrem algum grau de liberdade na sua utilização (podem usar para o que estiverem precisando mais naquele momento). Diante das dificuldades financeiras que marcam o cotidiano das interlocutoras, contudo, a possibilidade de manipulação deste dinheiro contempla normalmente as mesmas finalidades.

Os destinos mais apontados pelas interlocutoras da pesquisa foram a alimentação, o pagamento de contas como água e luz, a compra do gás, gastos com material escolar e uniforme, roupas e calçados para os filhos. Em menor grau apareceram compras de eletrodomésticos e melhorias na casa. Pensando a relação entre a família e a utilização do benefício, foi possível notar que a família é a unidade básica a partir da qual se pensa o uso deste dinheiro.

12 RETOMANDO A FALA DE NAZARÉ: “[...] SE OS PAIS NUM TIVER INCENTIVANDO ELES, NÃO É TODOS QUE SE INTERESSA PRA ESTUDAR NÃO. E AÍ EU SEMPRE TO ALI PRA ELES ESTUDAR E NUNCA LEVEI ASSIM PRO INTERIOR [...] SE ELES FALTASSE NA ESCOLA, UNS DEZ DIA, QUINZE DIA, AÍ JÁ, AÍ IA SAIR DO PROGRAMA, AÍ VEIO ESSA AJUDA PRA GENTE, AÍ JÁ DÁ PRA AJUDAR, AJUDAVA ELES, NÉ, NO MATERIAL, NA FARDA” (NAZARÉ, ENTREVISTA, 19/08/2011).

## GÊNERO, CASA, CRIANÇA E O BOLSA FAMÍLIA

O Programa Bolsa Família, na sua estrutura, toma as mulheres como prioritárias no que concerne ao repasse do benefício. Neste sentido, na maioria dos casos, são os nomes das mães ou avós que figuram nos cartões do Programa. Pensando neste elemento cabe explicar sobre como as quebradeiras percebem esta vinculação entre as mulheres e o benefício do PBF. Esta discussão é amplamente arraigada, já que em torno da mesma surgem diversas opiniões e afirmações, tanto no senso comum, quanto no meio acadêmico.

As colocações acerca deste debate normalmente são dicotômicas. Alguns questionam esta vinculação, afirmando que ela recoloca a mulher numa situação de subordinação no ambiente doméstico, fazendo novamente uma ligação entre sua identidade e o papel de mãe (e, portanto, seu papel tradicional) e deixando as mulheres mais afastadas do mercado de trabalho<sup>13</sup> (ver MEYER, 2005; KLEIN, 2005). Outros debates sobre este vínculo, pelo contrário, mostram como o benefício recebido pelo PBF empodera mulheres na formação de associações e iniciativas nos espaços próximos às suas residências.

Alguns cientistas sociais, que pesquisaram famílias de baixa renda, destacaram que a relação entre o casal era marcada por uma complementaridade (ver SARTI, 1996, ZALUAR, 1985). Concluía-se que havia uma posição estrutural de homem e outra de mulher (de marido/esposa). Aos homens pertencia o mundo do que é público, enquanto às mulheres, o domínio era o privado.

As próprias Ciências Sociais passam a questionar estas dicotomias como constitutivas da realidade, as entendendo como um reflexo de categorias do pesquisador, que, quando aplicadas aos grupos pesquisados, privilegiavam os espaços onde os homens estavam presentes (STRATHERN, 2006). As quebradeiras de coco babaçu de Codó, como apontado acima, destacam a importância de seu papel de mães e do cuidado da casa. Contudo, não possuem seu cotidiano marcado pela presença no ambiente doméstico, pelo contrário, deslocam-se diariamente para o trabalho. A partir destas características de suas vidas, assim como a partir dos dados sobre gênero que serão trazidos abaixo, as interlocutoras desta pesquisa podem ajudar a repensar algumas destas dicotomias que têm marcado as análises sobre o PBF e sobre as relações de gênero.

Nas entrevistas as mulheres selecionadas foram inquiridas sobre a prioridade dada às mulheres no repasse do benefício. Foram perguntadas se o cartão do PBF deveria estar no nome da mulher ou do homem. Apenas Teodora disse que “tanto faz” se o cartão estiver com o nome da mulher ou do homem. Garantiu que era

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

13 EM OUTRO ESPAÇO, DAGMAR MEYER E CARIN KLEIN APONTAM PARA OUTRO ENFOQUE INSTIGANTE DOS PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE QUE POSSUEM AS MULHERES COMO “AGENTES PRIORITÁRIAS DE SUA IMPLEMENTAÇÃO” (KLEIN, 2005, P. 31). AS AUTORAS REMETEM À CONSTITUIÇÃO DE UM DETERMINADO TIPO DE MATERNIDADE QUE ASSOCIA “MULHER” AO STATUS DE “MÃE”, REFORÇANDO AS HIERARQUIAS DE GÊNERO QUE POSTULAM SEU ESPAÇO COMO O DA CASA (NÃO OFERECENDO ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO) E O DO CUIDADO DOS FILHOS

indiferente porque seu marido sempre sabia “fazer a feira” ou pagar as contas que chegavam a casa. O restante das quebradeiras disse que é melhor que o cartão esteja no nome da mãe/mulher. Para Socorro, é a mulher quem sabe quais são as prioridades da casa, e, por isso, cabe a ela receber e administrar o dinheiro do benefício:

Equipe: E aí se fosse no nome do seu marido, a senhora acha que ia ter problema?

Socorro: Não, não iria ter porque ele sabe da necessidade dos filhos, né? Ele sabe, até quando ele tá aqui que ele faz algum bico, a metade, 60%, 70 é pra dentro de casa, pros meninos. Aí, nos sempre assim, colocamos os meninos na prioridade, pra nós, adultos, já fica em segundo plano entendeu? Assim, criança que eles gostam muito de sair, assim, pro os lugar, festinha, algum lugar ai. Tem que mais roupa para sair do que nos. Ai nós se preocupa mais com eles do que com a gente (Entrevista, 26/07/2011).

De maneira semelhante à fala de Socorro, para dona Generosa, além de serem as mulheres que sabem o que está faltando dentro de casa, são elas que têm os filhos como prioridade, não gastam dinheiro “com festa”:

Equipe: Então, conta como assim, o homem não sabe o que faz?

Generosa: Sabe não, você vê, você compra direito, eles não compra as coisas direito pra casa, e sendo a mulher é melhor, é muito melhor ser pago pra mãe do que pro pai.

[...]

Generosa: É verdade, às vezes num sabe tudo que falta dentro de casa, às vezes quer sobrar um pouquinho pra ir pra festa, pra sair na rua e tomar uma cerveja, e mulher não. Eu mesmo gosto de tomar uma cerveja, mas os luxo assim... Digo é 2,50 uma cerveja, 2,50 eu compro de feijão e fico comendo a semana todinha, a menina mamãe como é isso, a senhora faz isso... Eu minha filha, num gasto não. E o homem não ele quer saber disso né, quer saber que ta brincando. (Entrevista, 05/07/2011).

Portanto, para as quebradeiras entrevistadas, conhecer as despesas da casa, saber o que comprar e “como” comprar é uma característica das mulheres. Esse conhecimento do mundo doméstico se soma a outro elemento que também funciona como legitimador dentro dos argumentos das quebradeiras para se posicionar sobre o vínculo entre as mulheres e o benefício: a mulher é quem tem os filhos como prioridade.

As mulheres, na constatação das quebradeiras entrevistadas, estão mais familiarizadas com o ambiente doméstico, sendo que conhecer e cuidar bem da casa são

elementos que ajudam a definir sua identidade. Contudo, como bem mostra Cláudia Fonseca, o universo feminino não se encerra no doméstico como um espaço separado do mundo da rua (FONSECA, 2004). As quebradeiras, ao valorizarem o doméstico e também trabalharem 'fora' de casa, borram as fronteiras da dicotomia que toma o mundo do doméstico como separado do mundo do público. O que as diferencia dos homens não é que elas não circulem amplamente fora do doméstico, mas, é que, diferentemente deles, elas sabem das prioridades da casa e não utilizam o dinheiro para festas e bebida alcoólica:

As quebradeiras dizem conhecer casos de homens que gastam o dinheiro do benefício com "festa" e "bebida", contudo, diferente dos argumentos do senso comum (que tendem a generalizar e condenar tais comportamentos), o fato de algumas pessoas não saberem se utilizar do benefício (para a casa e para os filhos, que são gastos legitimados por elas) não invalida o Programa Bolsa Família. Pelo contrário, destaca como elas são merecedoras do repasse, já que o utilizam com responsabilidade. Na entrevista com Dona Rita, ela e seu marido<sup>14</sup>, apresentam outro elemento que ainda não tinha aparecido nas entrevistas (mas, é comentado no dia-a-dia na cidade): os casos de violência doméstica envolvendo o dinheiro do repasse.

Seu Desidério: Às vezes o homem e vai bebe tudo de cana, aí às vezes não tem de comprar o que comer.

Dona Rita: (risos) Aí fica difícil é mesmo.

Equipe: É seu Desidério?

Dona Rita: É, como a gente já viu muita coisa assim mesmo é do jeito que ele tá falando.

Seu Desidério: Tem, acontece, tem acontecido.

Dona Rita: Até briga o homem batendo na mulher por causa disso (Entrevista, 27/07/2011).

Em campo pode-se ver que existem casos em que, apesar do cartão estar no nome da mulher, quem retira o dinheiro do benefício pode ser outro membro da família. Dona Marta menciona que teve uma situação em que não se sentia bem e seu marido teve que buscar o benefício para ela: "Ele recebeu, só que do jeito que eu faço ele faz certinho. Ele trouxe o dinheiro, do jeito que ele pegou lá ele trouxe pra mim, não gastou não. Quando ele vendia meus cocos ele não gastava um centavo ele trazia tudinho" (MARTA, entrevista, 16/08/2011). Marta ressaltou o fato de ser esporádico, já que, se fosse todos os meses, "não ia dar certo não". Em um sentido semelhante, quando perguntada sobre o nome da pessoa que deveria constar no cartão, dona Rosa disse que, apesar de estar no seu nome, quem retirava o dinheiro e trazia para casa era o seu marido:

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

14 EM DIVERSAS ENTREVISTAS AS QUEBRADEIRAS NÃO ESTIVERAM SOZINHAS COM A EQUIPE DA PESQUISA. ISSO ACONTECEU PORQUE HAVIA MAIS PESSOAS NAS CASAS E ELAS COSTUMAVAM CONVERSAR E PARTICIPAR, INCLUSIVE, DAS ENTREVISTAS.

Dona Rosa identifica o benefício do Bolsa Família como uma contribuição feminina dentro do orçamento familiar. Isto fica evidente ao comparar com a principal ocupação masculina, a roça. Como afirmou, para ela o homem tem a roça e a mulher também precisa de uma renda.

Estas afirmações das quebradeiras, sobre a mulher como prioritária no recebimento do benefício, vão construindo imagens distintas do que seriam os homens e as mulheres. Falando sobre as diferenças entre homens e mulheres, pensando também em relação ao mercado de trabalho, dona Nazaré acredita que

Nazaré: Por que a mulher sempre as pessoa, eles, como é que quero dizer assim sobre a ajuda, sempre eles se, deixa pensar aqui... A mulher tem mais facilidade de receber ajuda, assim tudo por tudo, porque se ela tá, ela num tem o dinheiro, precisa do, assim alguma coisa pra fazer, porque assim ela no pode fazer, assim que ela nu sabe fazer, tem muitos homem que se oferece, uns é com interesse outros sem interesse.

Equipe: E a senhora acha que as pessoas não fazem isso por homem?

Nazaré: É, e também ajuda porque se eu fosse um homem, na situação que eu já venho e até onde eu tô, se eu fosse um homem ninguém ajudava.

Equipe: Mas, porque a senhora acha que ninguém ajudaria?

Nazaré: É porque é homem.

Equipe: Ah é.

Nazaré: É e se diz se é homem é que homem trabalha por qualquer serviço, né? Todo serviço ele pode trabalhar e mulher não, não é todo serviço que ela pode trabalhar. Ela num pode cortar um pau pra fazer um carvão assim daqueles pau grosso né, home não, homem pode fazer. Ela num derruba, ela num broca, o que ela faz da roça é coivarar, capinar tem delas que até planta. E aí o homem é muito difícil pra achar assim uma pessoa pra ajudar e a mulher sempre mais fácil (Entrevista, 19/08/2011).

Mulheres e homens são, portanto, diferentes. Mulheres tendem a privilegiar a casa e a conhecer melhor o funcionamento da rotina doméstica. Colocam os filhos em primeiro lugar, antes até delas mesmas. Tendem a contar com uma rede de apoio e ajuda (como disse Nazaré) maior que os homens, pois são vistas como podendo cumprir alguns trabalhos enquanto os homens podem fazer qualquer tipo de serviço. A roça e os trabalhos mais duros ligados a ela são vistos como espaços masculinos - isto, muito embora várias quebradeiras de coco também trabalhem na roça. O benefício do Programa Bolsa Família, portanto, figura como uma contribuição feminina dentro do espaço doméstico.

Os homens, por sua vez, são menos responsáveis. Tendem a gastar dinheiro com sua diversão, em festas e com bebidas alcoólicas. Mesmo que os maridos delas possam ir buscar o benefício pelas mesmas, e isso acontecer sem problemas (ou seja, lhes entregarem o dinheiro), é preciso manter os olhos sempre abertos, por que homem “é bicho enrolado”. Elas fazem essa vigilância, mas, reconhecem que tem outras famílias onde existem casos de violência doméstica por causa do benefício ou onde o marido gasta o dinheiro do mesmo com sua própria diversão. Dona Rosalina, por sua vez, acrescenta mais um elemento para pensar essa distinção entre homens e mulheres. Para ela, existe um caso em que o benefício não deveria estar no nome da mãe: quando a mãe tem um comportamento parecido com aquele esperado do homem

Por que a mãe ou a que seja, assim porque tem muitos pais irresponsáveis, tem muitos pais irresponsáveis, mas também tem muitas mães que são irresponsáveis, então a gente tem que caça uma vó que tem responsabilidade, entrega pra elas, como velha entendi mais. Tem muitas mãe miserável, eu conheço muie ai que recebe e tora na cana. Pai, isso ai é pros fie (filhos) se alimentar, pras crianças, porque nós, na idade que eu to, vocês não por que é essa dali, nos temos que olha pra esses ai num é não? (ROSALINA, entrevista, 06/08/2011).

A fala de dona Rosalina tem bastante reflexo no universo pesquisado, já que muitas avós quebradeiras de coco são as pessoas que criam seus netos. Das doze interlocutoras entrevistadas, 05 delas recebem o benefício porque são as responsáveis por seus netos. Receber o PBF por crianças que são filhos “de criação” é uma constante. As avós, no processo do envelhecimento, com a possibilidade de melhoria de vida por causa do ganho da aposentadoria (que algumas recebem como trabalhadoras rurais) e porque ficam mais circunscritas à cidade (já que as gerações mais novas migram para outros Estados), se apresentam como alternativa para o cuidado das crianças.

Quando se analisa estas ponderações sobre gênero, pensando-as de forma relacionada ao uso do benefício e aos arranjos e dinâmicas familiares, pode-se perceber que a dicotomia entre público e privado não se sustenta. Em primeiro lugar porque, apesar de se orgulharem de serem as conhecedoras e administradoras de suas casas e de colocarem os filhos e netos como prioridade, as interlocutoras de pesquisa são sujeitos determinados por várias facetas: além de serem mães e donas de casa, são quebradeiras de coco, tem um envolvimento político a partir das associações, correm atrás de melhorar suas condições fazendo o cadastro do PBF. Constituem suas casas como um ambiente privado, mas não como oposto do público, já que a casa é um espaço de fluxo constante de pessoas, especialmente de crianças. Além disso, a casa é a unidade básica a partir da qual se colocam diante da relação com o Estado. É possível concluir, portanto, que as quebradeiras, enquanto mulheres vêem como positiva a vinculação entre o benefício e a prioridade das mulheres para seu recebimento. Questionam a associação entre o status de mãe e a casa como papéis tradicionais que as aprisionam (pura e simplesmente), mostrando, a partir de suas experiências de vida, que não cabem em pólos opostos e dicotômicos.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

Dito isso, cabe pensar ainda como as quebradeiras, na sua relação com o benefício do Programa Bolsa Família, questionam outra dicotomia, a que busca classificar esta experiência como assistencialismo ou direito (AHLERT, 2008b). Para isto, serão apresentadas algumas questões sobre impactos que as quebradeiras identificam que o PBF causou nas suas trajetórias, assim como suas representações sobre o Programa.

## **À GUIA DE CONCLUSÃO: IMPACTO DO BOLSA FAMÍLIA ENTRE AS QUEBRADEIRAS DE COCO EM CODÓ**

Existem diferentes formas de medir ou tentar perceber o impacto de um programa social nas experiências de vida do público ao qual o programa se destina. Em primeiro lugar buscar-se-á tratar de como as interlocutoras percebem, ou não percebem, uma mudança na melhoria das suas condições de vida por causa do recebimento do benefício. Quando questionadas sobre esta melhoria, algumas delas falavam do passado para confirmar uma mudança no presente. Dona Socorro ressaltou a importância no benefício no pagamento das despesas da casa e disse “lembro quando era criança, minha mãe tinha que quebrar não sei quantos quilos de coco babaçu pra comprar alguma coisa pra gente” (Extrato de diário de campo 34, 24/05/11). Em consonância com o que afirmou Dona Socorro, Nazaré e Generosa disseram que

Equipe: Mas, porque a senhora acha que num passa mais dificuldade igual, então?

Nazaré: Por causa dessa ajuda do, do Bolsa, assim, da Bolsa Família é só uma vez que vem no mês e o meu é só no final do mês. [...] Mas, aquela fome que eu passava, que a gente já passou muita necessidade mesmo, tinha vez que a gente tinha vontade de botar uma farinha na boca e num tinha às vezes. Hoje já tem, a gente tem, também tem, tem, tem... (Entrevista, 19/08/11).

Equipe: Então esse Bolsa família é bom, é?

Generosa: É bom demais, Ave Maria, é uma ajuda muito grande que o governo mandou pra gente, o presidente.

Equipe: E aí, antes do Bolsa Família como é que era?

Generosa: A gente passava, porque passava mesmo né, mas ele chegou melhorou a vida da gente demais. Ai eu peguei esses neto meu e a aposentadoria, ai melhorou mais ainda.

Equipe: É?

Generosa: É, porque nem casa nós tinha, pra morar, e não tinha nada dentro de casa, não tinha nadinha, só as rede dos meu filho, a depois disso vocês tão vendo como tão minha coisinhas (Entrevista, 18/08/11).

A melhoria das condições de vida aparece quando se compara a situação atual com uma situação do passado, pode ser da infância, em relação à mãe que também quebrava coco (como disse Socorro) ou aos momentos em que se passava fome ou se tinha uma casa muito mais simples. Diversas vezes, essa mudança é dita mencionando uma relação entre a mulher e os filhos (com seus pedidos e necessidades):

Equipe: E mudou como a vida de vocês em receber esse dinheiro?

Dona Rita: Melhorou, melhorou por que às vezes a gente num tinha nem dez centavos pra comprar o lápis o fie da gente ficava pedindo, sem a gente ter (Entrevista, 26/07/11).

Antes a gente passava mais dificuldades, ai às vezes quando minha filha adoecia, pra mim comprar um remédio era maior dificuldade, hoje não. Às vezes, eu já com as outras despesas, já fica mais fácil, quando tem o dinheiro do Bolsa Família já fica mais fácil pra gente, que é 166 (reais) que eu recebo deles. Ai eles compra o material da escola, quando tá de férias é mais só pra parte da alimentação (SOCORRO, entrevista, 26/07/11).

Alguns pedidos das crianças, que 'agora' podem ser contemplados, diante das dificuldades financeiras das condições de vida de suas próprias infâncias, podem até ser considerados uma espécie de luxo. "Hoje eles já dizem assim 'mamãe eu quero roupa assim tal', eu já compro. Hoje já tem assim praticamente um luxo pra eles, porque antes, quando eu era criança não tinha esse luxo assim, hoje eles já têm. Aí, eu sempre falo a gente tem que dar valor no que a gente tem (SOCORRO, entrevista, 26/07/11).

A partir destas considerações pode-se concluir que o benefício do Programa Bolsa Família é percebido pelas quebradeiras de coco como tendo um impacto positivo, no sentido de que reconhecem a melhoria de suas condições de vida quando pensam em relação às suas próprias trajetórias (sua infância) e também quando falam sobre sua vida como mães e avós antes do PBF. Neste sentido e em consonância com suas falas sobre as finalidades nas quais empregam o uso do dinheiro, uma grande vantagem deste período (em que recebem o benefício) é poder comprar utilidades que seus filhos necessitam, assim como dar-lhes um pouco de "luxo" ou mesmo uma comida diferente daquela que é a comum em épocas de maior aperto econômico. Dar aos filhos algumas "regalias" que não possuíram em suas infâncias aparece como algo que as deixa satisfeitas como mães e como avós.

Além disso, outros elementos foram destacados como positivos e tem relação com o formato do Programa Bolsa Família. Neste sentido, foram mencionadas qualidades do Programa que remetem à constância e ao fato do benefício ser em dinheiro.

São variadas as estratégias utilizadas pelas quebradeiras de coco para combater a fome e manter suas vidas. A quebra do coco babaçu tem uma lógica muito peculiar quando se pensa na relação entre tempo e trabalho já que a quebra garante uma

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

pequena quantidade de dinheiro no final de cada dia de trabalho. Outros locais e iniciativas as quais as quebradeiras recorrem para receber proventos, como alimentos, e mesmo o trabalho na roça, não são formas estáveis de acessar recursos. Neste sentido, a constância do repasse do Bolsa Família, desde que cumpridas as Condicionais, é um elemento indicado como positivo pelas quebradeiras. Além disso, também aparecem menções de positividade ao Programa porque, ao invés de distribuir alimentos, roupas ou mesmo gerar alimentos como as roças, é uma forma das quebradeiras terem acesso a dinheiro (enquanto moeda).

Nenhuma das quebradeiras de coco pesquisadas parou de quebrar coco babaçu quando passou a receber o PBF. Para as mulheres selecionadas, o benefício não é visto como única fonte de renda, mas como uma das fontes.

Apesar de continuarem quebrando coco, as interlocutoras de pesquisa perceberam outro elemento considerado positivo e criado a partir do recebimento do benefício é a 'flexibilização' de suas rotinas de trabalho:

Rosalina: Era ruim porque eu tinha que quebrar o coco todo dia pra dar comida pros fie (filhos). Todo dia eu levantava quatro hora da madrugada, ajeitava a comida pros menino, lavava roupa, ajeitava tudo. Quando era seis hora eu ia pro carro, aí ia quebra coco. Quando era de tarde, de noite, eu chegava aí, pra eles come. Aí deixava a comidinha pra eles almoçar. Quando eu chegava ia comprar pra jantar e deixar pros outros dias pra deixar pra eles, pra mim ir pro serviço. Era assim.

Rosalina: E naquele tempo se eu dissesse 'hoje eu num vou pro'.[...] Hoje, é domingo, é sábado. Hoje eu quebrei o coco que só deu pra fazer a despesa de sábado. Domingo eu tinha que sair brincando por aqui assim, lá pros Monte Videl, quebrar meu coco, pra de tarde eu comer, cansei de fazer isso (Entrevista, 06/08/2011).

Pode-se concluir que as quebradeiras acessadas na pesquisa reconhecem um impacto positivo do Bolsa Família, como dito acima, em relação às suas trajetórias e aos momentos anteriores ao recebimento do benefício. Um elemento muito importante para perceber este impacto positivo foi a possibilidade de uma mudança em suas rotinas de trabalho. O benefício permitiu que, com algum dinheiro, elas pudessem ficar algum dia da semana sem fazer a quebra do coco. Em épocas de maior dificuldade financeira, ou como chamam, de maior "precisão", as quebradeiras costumam dizer que "quebra coco sábado pra ter o que comer no domingo". A constância do repasse do benefício permite uma 'flexibilização' desta rotina baseada na "precisão".

Nos trechos das entrevistas acima citadas é possível notar que a categoria mais usada pelas interlocutoras para se referir ao benefício do Programa Bolsa Família é a categoria "ajuda". Enquanto categoria 'nativa', a "ajuda" é dada pelo governo aos mais pobres e isto é visto, pelas quebradeiras de coco, como uma responsabilidade do Estado. Utilizar a categoria "ajuda" para descrever um programa social

pode ser uma faca de dois gumes, afinal, muitos não considerariam, como papel do Estado, “ajudar” as pessoas, mas, oportunizar que tenham seus direitos garantidos. Neste cenário mais amplo, o Bolsa Família enquanto “ajuda” seria visto como meramente ‘assistencialista’, numa oposição clara em relação a o que poderia ser considerada uma efetivação dos direitos.

Do ponto de vista de perceber a “ajuda” como uma categoria êmica, outros pesquisadores já apontavam que a perspectiva de separação entre ajuda e direito não costuma encontrar muito reflexo na experiência de vida dos sujeitos (SARTI, 1996). Analisando a fala de diferentes lideranças envolvidas no Programa Fome Zero na cidade de Porto Alegre, Ahlert (2008a, 2008b) destaca como a categoria “ajuda” era utilizada pra descrever atividades que estavam ligadas à política institucional. Utilizar-se da categoria “ajuda”, portanto, não excluiria a possibilidade de ver esta “ajuda” também enquanto uma efetivação de direitos.

Dentre as poucas críticas que as quebradeiras fazem ao Programa (que incluem a demora entre o cadastro e o recebimento do benefício e a distância dos CRAS) o fato de pessoas que “não precisam” estarem recebendo aparece com frequência. A solução para estas situações, tal como apontou Gorete, é a fiscalização, é “procurar quem realmente necessita”:

Destas críticas cabe destacar alguns elementos. Em primeiro lugar, questionam o poder público nos atos de fiscalização das famílias que recebem o Bolsa Família. Elas não vêem, que os funcionários dos CRAS estejam fazendo as visitas domiciliares. Elas notam uma relação entre este mau funcionamento e a lentidão nos cadastros, dando a entender que não tem clareza de que existe um número limitado de benefícios disponíveis ao município.

Em suas falas, as quebradeiras reconhecem que precisaram de uma orientação inicial para ficar sabendo sobre o PBF. Ocupando esta função de comunicar estas informações, aparecem lideranças sociais, funcionários de outros programas como o PETI, pessoas ligadas a candidatos políticos e funcionários do CRAS. Na mesma medida que reconhecem como estas pessoas foram importantes para acessarem o Programa, as quebradeiras percebem que existem outras pessoas que ainda não conhecem o Bolsa Família.

Identificam que tem pessoas - e indicam os moradores da área rural, que tem maior dificuldade em acessar estas informações – que são ainda mais pobres que elas e que nem sequer ficam sabendo do Programa (uma espécie de mais vulnerável entre os vulneráveis). Existem, portanto, diferentes tipos de ‘pessoas’ que podem ser identificadas nas suas narrativas: aquelas pessoas que recebem e não precisam, aquelas que precisariam muito, mas, não ficam sabendo como fazer o Bolsa Família, tem outras pessoas que procuraram fazer o cadastro, mas, sem saber a exata explicação, nunca conseguiram o benefício e tem outro grupo, que são mulheres que não batalharam o bastante para conseguir:

O que é interessante ressaltar é que, se por um lado, se podia ouvir que “o Bolsa Família todo mundo tem”, com maior conhecimento do universo de pesquisa é possível dizer que existe toda uma categorização das pessoas. Esta categorização as classifica de acordo com terem ou não o benefício e sobre as formas que se

utilizaram para acessá-lo. As quebradeiras que são beneficiárias mostram nas suas narrativas que elas não são como aquelas que não sabem, não são como as que recebem e não merecem e também não são como aquelas que esperam sem buscar seus direitos. Pelo contrário, destacam um papel de agência, uma “luta” para a conquista do mesmo.

Estas destacam a própria agência no processo de “conseguir” o benefício, ou seja, fazer o cadastro e continuar se informando sobre ele para enfim, receber o dinheiro. Mas, além disso, suas falas comportam ainda uma concepção de aprendizado sobre o Programa Bolsa Família. Algumas quebradeiras disseram que tiveram algumas dificuldades iniciais com o PBF, especialmente porque consideraram existir uma demora entre o seu cadastramento e o recebimento. Às vezes, diante das situações de bloqueio do benefício, elas procuram ajuda, mas, não encontram as respostas que procuravam.

Em outros momentos, o caráter de aprendizado sobre o Programa aparece. Como por exemplo, Dona Delfina disse que não sabia que precisava pesar a criança (ou seja, que não sabia da existência da Condicionalidades na saúde), mas, que depois que ficou sabendo, não deixou mais de cumprir com a mesma. Dona Socorro também falou sobre a importância de fazer o recadastramento: “Porque sempre assim, eles pedem pra gente atualizar os dados eu sempre vou, pra não ter nenhum problema de eu não receber depois” (SOCORRO, entrevista, 26/07/2011).

O caráter de luta e esta característica de aprendizado ajudam a expandir (ou mesmo explodir) o conceito de “ajuda” tal como o senso comum e a mídia costumam entendê-lo, ou seja, associado ao assistencialismo e, portanto, à passividade dos pobres e ao pouco desejo de mudança da política pública ou social. Neste caso, a “ajuda” existe, mas, de nada adiantaria se elas não “corressem atrás” e batalhassem pelo seu cadastro. As quebradeiras criticam sim as mulheres que não fazem o mesmo, mas, ao mesmo tempo, reconhecem que existem outras mulheres que não tem o acesso às informações que elas possuem. Assim, a forma com que elas se relacionam com o Programa – lutando para melhorar suas vidas – é a forma com que elas também lidam com o seu cotidiano – buscando variadas iniciativas para melhorar as condições de vida em suas casas.

Desta forma, na análise do encontro do Programa Bolsa Família com suas vidas, puderam ser percebidas algumas recorrências. Para as quebradeiras de coco da cidade de Codó, o Programa Bolsa Família deve ser pensado na perspectiva das outras

relações políticas da cidade. Não porque as mulheres não o reconheçam como um Programa Federal, mas, porque com o atendimento sendo de responsabilidade do município, é nele que elas “lutam” para conseguir seu cadastro e seu benefício.

No âmbito do município e pensando especialmente no âmbito da atividade da quebra de coco, não existem canais institucionalizados de comunicação com o Estado (com a prefeitura). O que as quebradeiras alcançam dos seus pedidos para os políticos locais, são elementos baseados em trocas (votos) e em promessas – e não em garantias com qualquer forma de estabilidade. O Bolsa Família é entendido, ou valorizado, em contraposição a este cenário, porque é reconhecido como um programa que tem constância (todo o mês o dinheiro está lá, “sem susto”).

Elas questionam ainda outras leituras simplistas sobre o recebimento benefício do Programa Bolsa Família. Questionam, em primeiro lugar, aquelas afirmações de que dependem do Programa para viverem. Em diferentes falas deixaram mostrar que antes do Programa “A gente passava, porque passava mesmo né[...]” (GENE-ROSA, entrevista, 18/08/2011), ou seja, que antes do PBF elas buscavam outras formas de prover o sustento de suas casas. Assim como continuam se dedicando a diferentes atividades, incluindo a quebra do coco.

Assim, o que o benefício permitiu foi uma redução em sua jornada excessiva de trabalho tendo mais tempo para se dedicarem a outras atividades rotineiras. Também, como possibilidade de comprar material escolar, produtos de higiene e algum “luxo” para os filhos. A constância do Programa as afastou do medo de ficar sem nenhum recurso para comprar comida, por exemplo.

Importante constatar que estas conclusões estão todas condicionadas a leituras de diferentes temporalidades. O impacto do benefício é pensando analisando suas próprias trajetórias de vida, assim como os momentos anteriores ao recebimento do benefício. Dentre os impactos ou as mudanças que o PBF traz, uma delas é a possibilidade de mudar a rotina da quebra – quando se quebra coco em um dia para ter dinheiro para comer no próximo. O benefício sendo em dinheiro, permitem que elas lidem com as necessidades que surgem nos diferentes momentos do mês, de acordo com a “precisão” mais imediata da família. A relação com tempo e o trabalho é pensada de maneira diferenciada a partir do recebimento do benefício. As quebradeiras de coco - nas formas com que acessam o Programa recebem o benefício e o utilizam -, mostram a importância de um olhar cuidadoso para a relação entre o Programa Social e o público-alvo deste Programa.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, nº. 36-37, ano 20, p. 83-88, 2007.

AHLERT, Martina. **Mulheres de Monte Verde**: etnografia, subalternidade e política na relação de um grupo popular com o Programa Fome Zero. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008a.

\_\_\_\_\_. Política da ajuda: notas antropológicas sobre a distribuição de cestas básicas. In: KANT DE LIMA, Roberto. **Antropologia e Direitos Humanos 5**. Brasília, Rio de Janeiro: ABA, Booklink, 2008b.

ARIÉS, Phillipe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. A caminho dos babaçuais: gênero e imaginário no cotidiano de trabalhadores rurais no Maranhão. In: WOORTMANN, Ellen F, MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (org.). **Margarida Alves**: Coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília: MDA, IICA, 2006.

BOURDIEU, Pierre. O espírito da família. In: **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

DANTAS, Iracema: Mulheres que quebram coco e extraem vida. In: Revista Democracia Viva 23: Edição especial: Quando a Participação faz a Diferença. J. Sholna, ago2004/ set2004. 92p.

FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006, pp.11-43.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Disponível em: [http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf). Acesso em 28 de abril de 2011.

HERITIÉR, Françoise. Família. In: **Enciclopédia Einaudi**. Parentesco. 1989.

INGOLD, Tim. To journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation. In: INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London and New York: Routledge and Taylor and Francis Group, 2000.

KLEIN, Carin. A produção da maternidade no Programa Bolsa-Escola. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 31-52, jan/abril 2005.

MELO, Hildete P. **Gênero e Pobreza no Brasil**. Relatório Final do Projeto Governabilidad Democratica de Género en America Latina y el Caribe. Convênio: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) e Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) Brasília: CEPAL/SPM, 2005.

MEYER, Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Revista Gênero**. Niterói, v.6, n.1, p. 81-104, 2 sem. 2005.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, pág. 8-41.

**PDP - CODÓ**. Plano diretor Participativo de Codó, 2006.

REGO & ANDRADE. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. **Agrária**, São Paulo, nº 3, pp. 47-57, 2006.

SAFFIOTI, H.I.B. Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 2, 1997.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. Rev. Psicologia, USP, 2004, 15(3). 11-28.  
\_\_\_\_\_. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 1996.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I-A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

---

ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO DA  
FOME E CONSTRUÇÕES  
DE GÊNERO:  
O COTIDIANO DAS  
QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU DA REGIÃO DOS  
COCAIS MA